

MORFOLOGIA URBANA, POSSIBILIDADES DE ESTUDO, UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

FRANCIELE FRAGA PEREIRA¹; RITA MARIA HECK²; CÉLIA HELENA CASTRO GONSALES³

¹Universidade Federal de Pelotas – franfragap@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ritamariaheck21@gmail.com

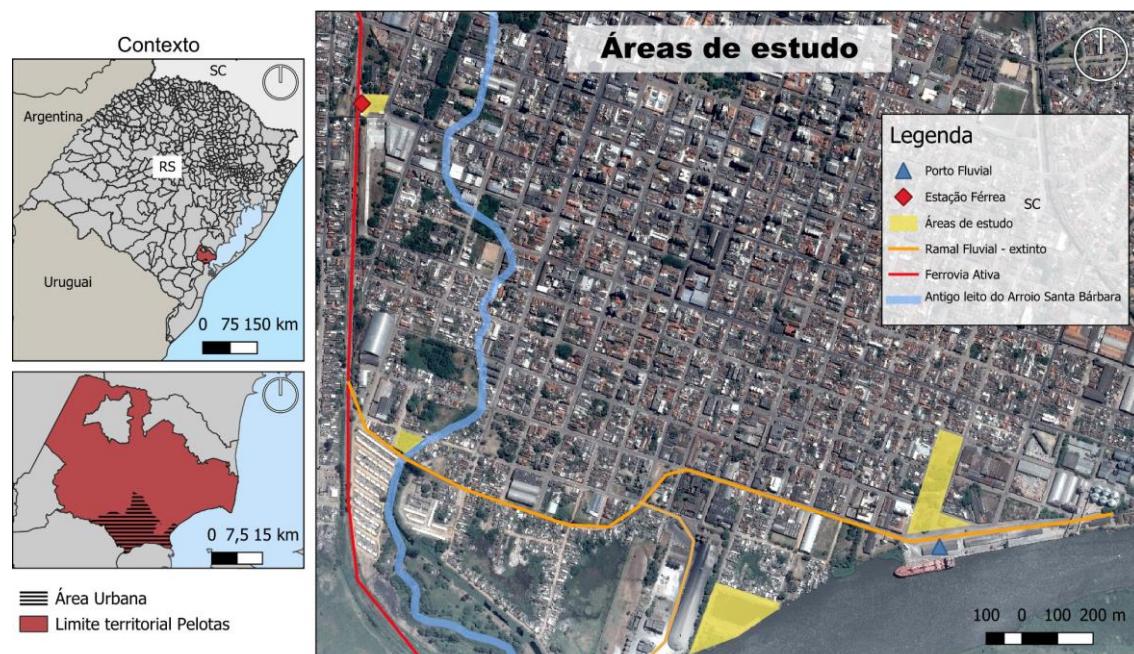
³Universidade Federal de Pelotas – celia.gonsales@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A cidade contemporânea é um objeto complexo de interpretação e foco de estudo de diversas áreas do conhecimento, sendo, até mesmo dentro do campo da Arquitetura e Urbanismo, passível de diversas abordagens. Dentre tais áreas destaca-se a morfologia urbana que “trata do estudo do meio físico da forma urbana, dos processos e das pessoas que o formataram” (Rego; Meneguetti, 2011, p. 124). Entretanto, ao mesmo passo que há um consenso sobre o objeto de estudo - a cidade -, há uma enorme pluralidade de bases teóricas e de possibilidades metodológicas para tal. Nesse sentido, apresentam-se uma série de autores, linhas investigativas e possibilidades de procedimentos para o estudo da forma das cidades.

A tese de doutorado da autora, em desenvolvimento, busca compreender qual a relação entre a apropriação por parte da população de áreas abertas públicas, localizadas nas imediações do Canal São Gonçalo, entre o Porto Fluvial e a Estação Férrea de Pelotas (figura 1) e a forma espacial dessa porção de cidade. Para isso, tangencia diversos temas, como a morfologia urbana e um olhar sensível para os modos de vida nessa área que se localiza à margem (física e socialmente) na cidade de Pelotas.

Figura 1: Área de Estudo da Pesquisa na cidade de Pelotas



Fonte: autoras, 2025.

Esse estudo se insere dentro do projeto de pesquisa "Cidades de médio porte do extremo sul do Brasil e em zona de Fronteira" e também do projeto "Cidade Memória e Sustentabilidade", desenvolvido no âmbito do Programa de Estímulo à Pesquisa Interdisciplinar na Pós-Graduação - PAPIN. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho específico é apontar as principais contribuições da revisão da literatura para o desenvolvimento da tese, com foco em especial nos temas "Escola Inglesa de Morfologia Urbana" e "Sistemas de Espaços Livres".

2. METODOLOGIA

Estudos de revisão bibliográfica se caracterizam pelo foco em documentos de domínio científico, tais como livros, teses, dissertações e artigos. Dessa forma, esse tipo de pesquisa utiliza de fontes secundárias, ou seja, de materiais já publicados por outros autores sobre determinado tema (Cavalcante; Oliveira, 2020). Para esta pesquisa, os textos revisados foram sistematizados através de fichas de leitura apontando os principais conceitos, o avanço científico proporcionado e considerações do material em questão em relação à sua possibilidade de aplicação na área de estudo da tese em andamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra "Fundamentos de Morfologia Urbana" tem grande relevância na pesquisa por se tratar da primeira obra em português que aborda os conceitos e exemplos de aplicações da Escola Inglesa de Morfologia Urbana (Pereira Costa; Gimmler Netto, 2015), uma das base teóricas fundamentais no contexto da tese. As autoras dessa obra, bem como as principais produções utilizando esse arcabouço teórico são integrantes do Laboratório da Paisagem da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais - LaP EAUFMG.

A Escola Inglesa de Morfologia Urbana tem como objeto de estudo a evolução das formas urbanas, utilizando como parâmetro as modificações e transformações pelas quais a cidade passa ao longo de sua trajetória. Essa linha investigativa alicerça as suas interpretações da urbe a partir da determinação e estudo dos "períodos morfológicos", que são períodos temporais onde "ocorreram as transformações e são definidos em função de uma determinada época histórica e das evoluções formais introduzidas na paisagem urbana, cujos reflexos econômicos e culturais produziram modificações e transformações no espaço urbano" (Pereira Costa; Gimmler Netto, 2015, p. 35). Essa visão da cidade como um acúmulo de camadas de diversos tempos abre espaço para a metáfora do palimpsesto. Esse termo, se refere ao pergaminho que após a raspagem de seu conteúdo original, foi reutilizado para a gravação de novos conteúdos, mas sem apagar totalmente o seu escrito original (Pereira Costa; Gimmler Netto, 2015).

Outro conceito importante desenvolvido pelo principal teórico dessa corrente, M. R. G. Cozen, é o de *fringe belt*, traduzido para o português como "faixas de hiato urbano", que faz referência à "faixas de baixa densidade de uso não residencial contornadas por áreas residenciais [...] originárias pela estagnação temporária ou de avanço muito lento que ocorre nas bordas da cidade" (Pereira

Costa; Gimmler Netto, 2015, p. 121). Esses locais também se caracterizam por usos institucionais, como indústrias, hospitais, campus universitários, e outros, de maneira que no momento de sua concepção, necessitam de amplo espaço e buscam as bordas da área urbana consolidada para serem implantados. Ao passo em que a cidade se expande, elas podem ser contornadas por áreas residenciais, configurando assim uma “faixa de hiato urbana interna ou intermediária” (Pereira Costa; Gimmler Netto, 2015). Esse conceito já foi explorado em alguns trabalhos como os de Simão (2012) e Meneguetti et al. (2023).

Com intersecção, mas desenvolvendo uma diferente ótica para a observação e análise das cidades, apresentam-se os estudos sobre os “sistemas de espaços livres e formas urbanas” desenvolvidos pelo Laboratório Quadro do Paisagismo do Brasil - Lab QUAPÁ, vinculados ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU USP (Queiroga; Sakata, 2020). Tais conceitos surgiram a partir do trabalho da pesquisadora Miranda Magnoli, ainda nos anos 1980, e tiveram continuidade com as reflexões do professor Silvio Macedo. Nesse sentido, os estudos sobre o Sistema de Espaços Livres - SEL de diversas cidades brasileiras foram intensificados a partir de 2012 através da criação da rede QUAPÁ SEL (Macedo; Custódio; Donoso, 2018).

Macedo et al. (2007) afirmam que espaço livre é todo aquele que não é ocupado por um volume edificado. Nesse sentido, ruas, praças, parques, lotes vazios da cidade, lagos, configuram-se como tipos diferentes de espaços livres (Macedo et al., 2007). Acrescenta-se a esse conceito, a concepção de Sistema de Espaços Livres - SEL. Para os autores, o sistema se dá a partir da integração ou do estabelecimento de relações entre suas partes:

“O sistema de espaços livres de uma cidade é o conjunto de todos os espaços livres de edificação existentes na malha urbana, sua distribuição, suas conexões e suas inter-relações funcionais e hierárquicas. Portanto, o sistema de espaços livres de uma cidade engloba todos os espaços livres de edificação, ou seja, abarca todos os vazios que envolvem os cheios (volumes edificados) e que estão conectados pela atmosfera e tem uma inter-relação de dependência e hierarquia.” (Macedo et al., 2007)

A partir do estabelecimento desses conceitos, as possibilidades de estudo são as mais diversas. Nesse sentido a obra “Quadro Geral da Forma Urbana e do Sistema de Espaços Livres das Cidades Brasileiras” apresenta um panorama sobre os estudos vinculados à esse tema desenvolvidos até 2018, através da rede QUAPÁ-SEL que se torna também material fundamental para esta investigação

4. CONCLUSÕES

O recorte espacial definido para o desenvolvimento da tese tem certa complexidade, onde estão postos características do urbanismo formal e informal, a sua proximidade com importantes elementos naturais. A área ainda apresenta características de borda ou limite, dada a presença do canal e da linha férrea.

Nesse sentido, ambos os conceitos, desenvolvidos por essas duas linhas de investigação, apontam para um caminho profícuo para a compreensão e análise da morfologia urbana da área de estudo em questão. Observa-se a complementaridade dos conceitos e abordagens apresentados pelas duas bases teóricas.

Como próxima etapa do estudo em desenvolvimento, espera-se incorporar esses referenciais para o desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, a principal contribuição da pesquisa em desenvolvimento é trabalhar esses conceitos em conjunto, aplicados à zona de estudo em questão e também em zonas de informalidade, buscando observar a potencialidade desses instrumentos também nesses espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, Lívia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 83–102, 2020.

MACEDO, Sílvio Soares *et al.* Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 23, p. 116–123, 2007.

MACEDO, Sílvio Soares; CUSTÓDIO, Vanderli; DONOSO, Verônica Garcia (org.). **Reflexões sobre espaços livres na forma urbana**. São Paulo: Fauusp, 2018. E-book. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/produtos/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MENEGUETTI, Karin Schwabe *et al.* Estudo das Faixas de Hiato Urbano na evolução morfológica de Tiradentes. *In:* MARIA MANOELA GIMMLER NETTO; MARINA SALGADO (org.). **A Morfologia Urbana de Tiradentes/MG**. Belo Horizonte, MG: Geplam Assessoria, 2023. p. 194–205.

PEREIRA COSTA, Stael de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; SAKATA, Francine Gramacho. A rede de pesquisadores reunidos por Silvio Macedo sob o Lab QUAPÁ e os estudos de sistemas de espaços livres e formas urbanas no Brasil. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 12, p. e20190264, 2020.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum. Technology**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 123–127, 2011.

SIMÃO, Karina Machado de Castro. **Fringe belts como elementos estruturadores da paisagem: o caso de Belo Horizonte/MG**. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AMFE-9A4PT2>. Acesso em: 9 jun. 2025.